

# HUMANIDADES E CIÊNCIAS SOCIAIS:

Perspectivas  
Teóricas,  
Metodológicas  
e de  
Investigação

Luis Fernando González-Beltrán  
(organizador)

VOL II



EDITORA  
ARTEMIS  
2023

# HUMANIDADES E CIÊNCIAS SOCIAIS:

Perspectivas  
Teóricas,  
Metodológicas  
e de  
Investigação

Luis Fernando González-Beltrán  
(organizador)

VOL II



EDITORA  
ARTEMIS  
2023



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos os manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

<b>Editora Chefe</b>	Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira
<b>Editora Executiva</b>	M. <sup>a</sup> Viviane Carvalho Mocellin
<b>Direção de Arte</b>	M. <sup>a</sup> Bruna Bejarano
<b>Diagramação</b>	Elisangela Abreu
<b>Organizador</b>	Prof. Dr. Luis Fernando González-Beltrán
<b>Imagem da Capa</b>	Bruna Bejarano, Arquivo Pessoal
<b>Bibliotecário</b>	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

#### Conselho Editorial

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”*, Cuba  
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil  
Prof. Dr. Agustín Olmos Cruz, *Universidad Autónoma del Estado de México*, México  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Júlia Viamonte, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal  
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano*, Peru  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla*, Espanha  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cirila Cervera Delgado, *Universidad de Guanajuato*, México  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia Padovesi Fonseca, Universidade de Brasília-DF, Brasil  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil  
Prof. Dr. David García-Martul, *Universidad Rey Juan Carlos de Madrid*, Espanha  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Deuzimar Costa Serra, Universidade Estadual do Maranhão, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Dina Maria Martins Ferreira, Universidade Estadual do Ceará, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Edith Luévano-Hipólito, *Universidad Autónoma de Nuevo León*, México  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal  
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo (USP), Brasil  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima, Brasil  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo*, México





Prof.ª Dr.ª Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina*  
Prof.ª Dr.ª Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca, Espanha*  
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República, Uruguay*  
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara, México*  
Prof. Dr. Fernando Hitt, *Université du Québec à Montréal, Canadá*  
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona, Espanha*  
Prof.ª Dr.ª Gabriela Gonçalves, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal  
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil  
Prof.ª Dr.ª Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis, Argentina*  
Prof.ª Dr.ª Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*  
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal  
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*  
Prof. Dr. Håkan Karlsson, *University of Gothenburg, Suécia*  
Prof.ª Dr.ª Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco, Brasil  
Prof.ª Dr.ª Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura, Peru*  
Prof.ª Dr.ª Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*  
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil  
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío, Chile*  
Prof.ª Dr.ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas, Brasil  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, *University of Miami and Miami Dade College, Estados Unidos*  
Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha, Espanha*  
Prof. Dr. João Manuel Pereira Ramalho Serrano, Universidade de Évora, Portugal  
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros, Brasil  
Prof. Dr. Jorge Ernesto Bartolucci, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*  
Prof. Dr. José Cortez Godínez, Universidad Autónoma de Baja California, México  
Prof. Dr. Juan Carlos Cancino Diaz, Instituto Politécnico Nacional, México  
Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid, Espanha*  
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia*  
Prof. Dr. Juan Manuel Sánchez-Yáñez, *Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, México*  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil  
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil  
Prof.ª Dr.ª Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás, Brasil  
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo, Brasil  
Prof. Dr. Luis Fernando González Beltrán, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*  
Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*  
Prof.ª Dr.ª Macarena Esteban Ibáñez, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*  
Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodríguez, *Universidad Santiago de Compostela, Espanha*  
Prof.ª Dr.ª Márcia de Souza Luz Freitas, Universidade Federal de Itajubá, Brasil  
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil  
Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe, Brasil  
Prof.ª Dr.ª Mar Garrido Román, *Universidad de Granada, Espanha*  
Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil  
Prof.ª Dr.ª María Alejandra Arecco, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*  
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia, Brasil  
Prof.ª Dr.ª Maria Carmen Pastor, *Universitat Jaume I, Espanha*  
Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal  
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão, Brasil  
Prof.ª Dr.ª Maria Gracinda Carvalho Teixeira, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil



Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana*, Cuba  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras, Brasil  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Ninfa María Rosas-García, Centro de Biotecnología Genómica-Instituto Politécnico Nacional, México  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense, Brasil  
Prof. Dr. Osbaldo Turpo-Gebera, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa*, Peru  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras, Brasil  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia, Brasil  
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará, Brasil  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí, Brasil  
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí, Brasil  
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Solange Kazumi Sakata, Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (IPEN)- USP, Brasil  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Stanislava Kashtanova, *Saint Petersburg State University*, Russia  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal  
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa, Brasil  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande, Brasil  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil  
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca*, Colômbia  
Prof. Dr. Xosé Somoza Medina, *Universidad de León*, Espanha

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

H918 Humanidades e ciências sociais [livro eletrônico] : perspectivas teóricas, metodológicas e de investigação: vol. II / Organizador Luis Fernando González-Beltrán. – Curitiba, PR: Artemis, 2023.  
Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
Edição bilíngue  
ISBN 978-65-87396-90-3  
DOI 10.37572/EdArt\_300723903  
1. Ciências sociais. 2. Humanidades. I. González-Beltrán, Luis Fernando.

CDD 300.1

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**



## PRÓLOGO

En este segundo volumen, volvemos a tener el enfoque sobre el ser humano en sus distintas facetas: su bienestar; su salud física y mental; los diferentes ambientes en los que despliega su acción y su interacción; su intercambio; dónde aprende; dónde se comunica; dónde ensaya nuevas formas de participar con los demás; incluso dónde busca la forma de ser más amigable con la naturaleza.

Como en el volumen anterior, invitamos a leer trabajos de diversa índole, de Humanidades y Ciencias Sociales, de varias disciplinas, con sus respectivas variantes en cuestiones teóricas y conceptuales, que responden a distintas metodologías y de investigadores renombrados en sus campos, de diferentes países, con la esperanza de que su lectura provoque un panorama más general, más completo, de la problemática de los seres humanos en sus variados ambientes, tanto naturales como contruidos.

Este segundo volumen contiene 17 textos de tópicos que no pierden actualidad, en 4 ejes temáticos, que son: a) El individuo: Comunicación, lenguaje y segunda lengua. A diferencia del volumen 1 que incluía salud y bienestar, aquí se profundiza en cuestiones lingüísticas; b) La escuela: Nuevas tecnologías. Mientras que el volumen anterior se enfocaba en cuestiones del proceso de enseñanza aprendizaje, este volumen incluye las TIC en los diferentes niveles educativos; c) La empresa: Administración y Gestión. Este eje temático es nuevo, acerca del mundo empresarial, su estilo de liderazgo, sus estrategias, las empresas familiares, el consumo y el entrenamiento de los trabajadores; y d) La comunidad: Sustentabilidad y sostenibilidad. Esta temática que incluía en el volumen 1 cuestiones de Sociología y Política ahora centra su objetivo en la Etnografía de espacios urbanos, el turismo y el Patrimonio cultural.

Esperamos que los resultados que cada investigador difundió en esta obra no agoten la curiosidad científica del lector, en cambio que aumenten la necesidad de saber más, de hacerse más preguntas, de reflexionar con mayor profundidad, y quizá hasta provocar mayor investigación.

Les deseamos a todos una agradable lectura!

Luis Fernando González-Beltrán  
Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM)

## SUMÁRIO

### EL INDIVIDUO: COMUNICACIÓN, LENGUAJE Y SEGUNDA LENGUA

#### **CAPÍTULO 1..... 1**

##### ENACCIÓN Y NEUROFENOMENOLOGÍA EN EL LENGUAJE

Roberto Aristegui

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_3007239031](https://doi.org/10.37572/EdArt_3007239031)

#### **CAPÍTULO 2..... 39**

##### PROCESS TYPES OF THE TRANSITIVITY SYSTEM IN ESL CLASSROOMS

Cecilia Folasade Ojetunde

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_3007239032](https://doi.org/10.37572/EdArt_3007239032)

#### **CAPÍTULO 3..... 59**

##### EL USO DE LA HERRAMIENTA PIXTON EN LA ENSEÑANZA DEL INGLÉS

Bertha Guadalupe Rosas Echeverría

Carmen Reyes Márquez

Angel David Bustos Nuñez

Elías Vicente González Herrera

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_3007239033](https://doi.org/10.37572/EdArt_3007239033)

#### **CAPÍTULO 4..... 68**

##### LAS ABEJAS LABORIOSAS DE LA CASA - REFLEXIONANDO DESDE EL CUERPO

Regina Katz

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_3007239034](https://doi.org/10.37572/EdArt_3007239034)

### LA ESCUELA: NUEVAS TECNOLOGÍAS

#### **CAPÍTULO 5..... 77**

##### EL USO DE LAS TECNOLOGÍAS DIGITALES DE LOS ADOLESCENTES DE LA ENSEÑANZA SECUNDARIA PÚBLICA DE MONTEVIDEO-URUGUAY Y SUS BENEFICIOS. APORTES METODOLÓGICOS

Susana Lamschtein Levy

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_3007239035](https://doi.org/10.37572/EdArt_3007239035)

**CAPÍTULO 6..... 88**

ENSEÑANZA DE LA MATEMÁTICA BÁSICA A TRAVÉS DE HERRAMIENTAS WEB EN INSTITUCIONES DE EDUCACIÓN DE NIVEL SUPERIOR EN MODALIDAD ABIERTA

Samuel Jiménez Abad

Itzel Natalia Lendechy Velázquez

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_3007239036](https://doi.org/10.37572/EdArt_3007239036)

**CAPÍTULO 7..... 95**

LA IMPLEMENTACIÓN DE LAS TÉCNICAS DE ORGANIZACIÓN COMO ESTRATEGIA DE VINCULACIÓN DE LOS ESTUDIANTES DE PEDAGOGÍA SEA CON LOS DISTINTOS SECTORES DE LA SOCIEDAD

Itzel Natalia Lendechy Velázquez

Juana Velásquez Aquino

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_3007239037](https://doi.org/10.37572/EdArt_3007239037)

**CAPÍTULO 8..... 106**

CONTENIDO PEDAGÓGICO ACTUAL: PERCEPCIÓN POR PARTE DE LOS DOCENTES

Julia Matilde Cruz-Fabara

Narcisca Cecilia Castro-Chávez

Mayra Robinson-Saona

Ruth Aracely Lopez-Litard

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_3007239038](https://doi.org/10.37572/EdArt_3007239038)

**CAPÍTULO 9..... 118**

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NA INTERNET: CARACTERIZAÇÃO E DESAFIOS NO SÉCULO XXI

José Joaquim Costa

Jéssica Duarte

Maria João Mimoso Soares

Florbela Vitória

Ana Paula Matos

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_3007239039](https://doi.org/10.37572/EdArt_3007239039)



**CAPÍTULO 10..... 131**

LIDERANÇA DE UMA EMPRESA: ANÁLISE DA EMPRESA SCEMAI

Luis Almeida  
Ana Peixoto  
Adalmiro Pereira  
Tânia Teixeira

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_30072390310](https://doi.org/10.37572/EdArt_30072390310)

**CAPÍTULO 11.....138**

DIAGNOSIS OF TRAINING NEEDS FOR AN ASSEMBLY COMPANY DEVELOPED AT THE TECN M CAMPUS INSTITUTO TECNOLÓGICO SUPERIOR

Jose de Jesus Reyes-Sanchez  
Mario Alberto Garcia-Camacho  
Jannet Maricela Barrientos Luján  
Omar A. Guirette-Barbosa  
Selene Castañeda-Burciaga

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_30072390311](https://doi.org/10.37572/EdArt_30072390311)

**CAPÍTULO 12 .....145**

COMPORTAMIENTO DEL CONSUMIDOR: APROXIMACIÓN EPISTEMOLÓGICA DESDE LOS ENFOQUES NATURALISTA, INTERPRETATIVO Y CRÍTICO

Javier Solano-Solano  
Jean Palomeque-Jaramillo  
David Zaldumbide-Peralvo

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_30072390312](https://doi.org/10.37572/EdArt_30072390312)

**CAPÍTULO 13.....158**

LA TRANSFERENCIA UNIVERSITARIA COMO EXPERIENCIA DE PRODUCCIÓN DE CONOCIMIENTO: EL DESAFÍO DE TRANSFERIR AL SECTOR DE LA AGRICULTURA FAMILIAR

Gabriela Cilla

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_30072390313](https://doi.org/10.37572/EdArt_30072390313)

## LA COMUNIDAD: SUSTENTABILIDAD Y SOSTENIBILIDAD

### **CAPÍTULO 14.....185**

#### PROYECTO DE RESPONSABILIDAD SOCIAL UAT-COIL Y FCAV-FDCSV

Giuseppe Francisco Falcone Treviño

Susana Gómez Loperena

Zaida Leticia Tinajero Mallozzi

Eliete Alejandra Coronado Rojano

Joel Luis Jiménez Galán

Cruz Alberto Martínez Arcos

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_30072390314](https://doi.org/10.37572/EdArt_30072390314)

### **CAPÍTULO 15 .....206**

#### HARNESSING HERITAGE: UNRAVELING ITS IMPACT ON URBAN COMPETITIVENESS THROUGH GOVERNMENTAL POLICIES

Eko Nursanty

Lê Hồ Trung Hiếu

Djudjun Rusmiatmoko

Muhammad Fahd Diyar Husni

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_30072390315](https://doi.org/10.37572/EdArt_30072390315)

### **CAPÍTULO 16 .....218**

#### DA INOVAÇÃO SOCIAL AO TURISMO DE INTERESSES ESPECIAIS: O CASO DA REGIÃO DE ANTOFAGASTA

Emilio Ricci

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_30072390316](https://doi.org/10.37572/EdArt_30072390316)

### **CAPÍTULO 17 .....240**

#### UMA PERCEPÇÃO DO FAZER A FEIRA CONSTRUÍDA A PARTIR DA PRÁTICA ETNOGRÁFICA

Marina Ramos Neves de Castro

 [https://doi.org/10.37572/EdArt\\_30072390317](https://doi.org/10.37572/EdArt_30072390317)

### **SOBRE O ORGANIZADOR..... 257**

### **ÍNDICE REMISSIVO .....258**

# CAPÍTULO 17

## UMA PERCEPÇÃO DO FAZER A FEIRA CONSTRUÍDA A PARTIR DA PRÁTICA ETNOGRÁFICA<sup>1</sup>

Data de submissão: 12/07/2023

Data de aceite: 24/07/2023

**Marina Ramos Neves de Castro<sup>2</sup>**

Universidade Federal do Pará

Belém – Pará

<http://lattes.cnpq.br/6636359546031674>

**RESUMO:** Discutir a etnografia a partir de sua prática tendo como objeto quase sete anos de pesquisa - de agosto de 2011 a janeiro de 2018 - em um espaço urbano, uma feira, localizada em Belém do Pará, Amazônia brasileira. Procuramos colocar em evidência como ocorreu a construção do processo etnográfico feito on footing (LEE E INGOLD, 2006; CASTRO, 2021b), a partir de uma observação de perto e de dentro (GEERTZ, 1989) daqueles elementos e conteúdos (SIMMEL, 2006) que conformam a feira enquanto tal:

<sup>1</sup> Artigo advindo de tese de doutoramento defendida em 2018 no PPG de Antropologia da UFPA. Trabalho apresentado no XIII Reunião de Antropologia do Mercosul, no GT de Narrativas etnográficas das e nas metrópoles contemporâneas: desafio e perspectivas.

<sup>2</sup> Doutora em Antropologia pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará, 2018. Professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia e da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará. Líder do grupo de pesquisa Socialidades, Intersubjetividades e Sensibilidades Amazônicas (SISA), nessa universidade.

as pessoas e as coisas materiais e imateriais na sua concretude, as sensibilidades de todas as ordens; aquilo que a partir do pensamento de Merleau-Ponty (1945; 1985), seria a carne do mundo. Entrar na carne daquele mundo, e observar de que maneira essa carne se conforma; de que maneira ela dá corpo e vida à feira, e, assim, acaba por conformar o objeto de pesquisa do pesquisador a partir de sua própria prática etnográfica; experiência esta de ser afetado (FAVRE-SAADE, 2012), de cair no mundo da vida - (Lebenswelt) (Husserl, 2006) e ser completamente envolvido pelas circunstâncias do campo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Etnografia Sensorial. Sensibilidades. Feira.

### A PERCEPTION OF DOING THE GAIT BUILT FROM THE PRACTICAL ETHNOGRAPHIC

**ABSTRACT:** To discuss the ethnography from its practice having as object nearly seven years of research from August 2011 to January 2018 - in an urban space, a fair, located in Belém do Pará, Brazilian Amazon. We try to put into evidence the construction of the ethnographic process made on footing (LEE AND INGOLD, 2006; CASTRO, 2021b), from a close in and deep observation (GEERTZ, 1989) of those elements and contents (SIMMEL, 2006) that make up the fair as such: people and material and immaterial things in their concreteness, the sensitivities of all orders; which from the thought of Merleau-Ponty (1945, 1985), would

be the flesh of the world. Enter the flesh of that world, and observe how that flesh conforms itself; in what way it gives body and life to the fair, and thus, ends up conforming the research object of the researcher from his own ethnographic practice; the experience of the to be affected (FAVRET-SAADA, 2012), to fall into the world of the life - (Lebenswelt) (Husserl, 2006) and to be completely involved by the circumstances of the field.

**KEYWORDS:** Sensorial Ethnography. Sensitivities. Market.

## 1 INTRODUÇÃO

A feira da qual falamos neste trabalho não se limita a um espaço; mas atravessa espaços socioculturais e temporais se conformando através de interações múltiplas e contínuas conformando sociações; assim a compreendemos enquanto uma forma social, a forma-feira (CASTRO, 2017). Para compreendê-la dessa maneira, partimos de Simmel, que entende forma social como o resultado de um processo que se constrói, ininterruptamente, através das relações, das interações, que se estabelecem entre os mais diversos elementos e conteúdos (SIMMEL, 2006), presentes num dado contexto.

Acompanhando esse pensamento, propomo-nos a pensar a feira de maneira não convencional, e sim por meio de uma estratégia formista, uma estratégia simmeliana, que compreende o conteúdo e/ou a forma-conteúdo, enquanto elementos que contribuem para a conformação da feira enquanto tal. Desta maneira, conteúdo e forma se alteram de acordo com as (com)formações que conformam a feira, o que, em nosso entendimento contribui para o desencadeamento e consolidação de reciprocidades.

Procuramos colocar em evidência como ocorreu a construção do processo etnográfico feito on footing (LEE E INGOLD, 2006; CASTRO, 2016b), a partir de uma observação de perto e de dentro (GEERTZ, 1989) daqueles elementos e conteúdos (SIMMEL, 2006) que conformam a feira enquanto tal: as pessoas e as coisas materiais e imateriais na sua concretude, as sensibilidades de todas as ordens; aquilo que a partir do pensamento de Merleau-Ponty (1945; 1985), seria a carne do mundo. Entrar na carne daquele mundo, e observar de que maneira essa carne se conforma; de que maneira ela dá corpo e vida à feira, e, assim, acaba por conformar o objeto de pesquisa do pesquisador a partir de sua própria prática etnográfica; experiência esta de ser afetado (FAVRE-SAADE, 2012), de cair no mundo da vida - (Lebenswelt) (Husserl, 2006) e ser completamente envolvido pelas circunstâncias do campo. 2. Estratégias de campo (ou Estratégias etnográficas) Em parte, esta pesquisa se fez andando. Andando e coletando imagens, odores, sabores, ruídos, tatos, falas; coletando também percepções, sensações, sentidos e tentando perceber aquilo que sentimos e não percebemos; àquilo que nos leva a um lugar e não a outro; àquelas sensações que chamamos de intuição

quando nos são percebidos, mas que muitas deles não conseguem o ser; no entanto, são elas, essas informações que o corpo sente, a mente percebe, mas pode escapar da objetividade de uma mente (com)formada na cultura ocidental, na academia, na mente de um etnógrafo.

## 2 ESTRATÉGIAS DE CAMPO (OU ESTRATÉGIAS ETNOGRÁFICAS)

Em parte, esta pesquisa se fez andando. Andando e coletando imagens, odores, sabores, ruídos, tatos, falas; coletando também percepções, sensações, sentidos e tentando perceber aquilo que sentimos e não percebemos; àquilo que nos leva a um lugar e não a outro; àquelas sensações que chamamos de intuição quando nos são percebidos, mas que muitas deles não conseguem o ser; no entanto, são elas, essas informações que o corpo sente (CASTRO, 2021c), a mente percebe, mas pode escapar da objetividade de uma mente (com)formada na cultura ocidental, na academia, na mente de um etnógrafo.

Andando e “fazendo a feira” pretendo escapar da lógica logicizante. Assim, eu acreditada que, ao andar, ao caminhar, ao ouvir, ao sentir, era preciso valorizar as sensações, aquilo que não conseguíamos, eu e meus interlocutores ou estudados, externalizar de maneira racional, objetiva, ou que fizesse algum sentido a essa lógica ocidental que conforma nossa própria forma de ver o mundo. Exatamente como o não-antropólogo, a pessoa que vai à feira para “fazer a feira”, faz buscando o melhor produto por meio dessa disposição, ou disponibilidade, sensorial, por meio da interação, cultivando as reciprocidades.

Andar pela feira “fazendo a feira”, numa etnografia on foot. Isso talvez resuma minha abordagem, afinal, procurei sempre andar, parando aqui e ali, e me predispondo a conversar com todos e todas, ouvindo histórias de vida e procurando compreender como a feira é sentida, percebida, vivida e construída na sua vida cotidiana. Ia a feira para “fazer a feira” e assim, efetivamente, justificativa minha aproximação para introdução do diálogo, para minha apresentação ao feirante e, também, para comprar o que de melhor a feira podia me oferecer, suprimindo minha despesa e proporcionando a alimentação necessária para a família. Além do que, para mim, era mais barato comprar na feira do Guamá do que em qualquer outra feira de Belém, mesmo na do Ver-o-Peso, como observou dona Raimunda, “*Aqui mana, é muito mais barato. Não dá nem pra comparar!*”<sup>3</sup> ao comprar goma para goma para fazer tapiocinha, do seu Mário.

<sup>3</sup> Dona Raimunda é moradora do bairro desde a infância, aparenta ter mais de 60 anos, e faz salgados e doces por encomenda. Em entrevista realizada no dia 14 de Janeiro de 2017 faz questão de deixar claro que a feira do Guamá é mais barata que a do Ver-o-Peso e utiliza como exemplo a cuba de 30 ovos que naquele dia, no Guamá, ela estava comprando a R\$8,50 enquanto que no Ver-o-Peso, de onde ela acabara de vir, estava custando R\$13,00; e no supermercado cerca de R\$17 reais.



Para me ajudar a registrar meu estar no campo habituei-me a andar, sempre, com um pequeno gravador pendurado ao pescoço; em meu entendimento isso habituaría a mim e ao outro, o frequentador da feira, àquele aparelho, afastando aos poucos qualquer estranhamento ou impedimento entre mim, ele e o gravador. De fato, com minha frequência na feira, isto aconteceu de maneira mais rápida e tranquila do que imaginei, e eu me sentia à vontade utilizando aquele aparelho sempre ligado. Acredito que o mesmo acontecia com meus interlocutores. Quando, por vezes, principalmente em um primeiro encontro, meu interlocutor notava o aparelho, ou eu notava que o feirante o tinha observado, achando aquilo estranho, eu me logo explicava que eu utilizava aquilo porque eu conversava com muita gente por ali, e as vezes esquecia “naturalmente”, pois não conseguia gravar/recordar tudo o que eu havia conversado; desta maneira o gravador me ajudava a relembrar.

Usava também uma câmera fotográfica que, vez ou outra pedia para registrar um feirante ou mercadoria, algo que me interessasse, ou mesmo o próprio contexto, sem que nada tivesse, particularmente me chamado atenção; além de registrar a própria vivência do momento. Vez por outra também levava uma câmera de filmar; o que me permitiu filmar algumas performances como a do tratamento de peixes por um ou outro peixeiro, a do tratamento de carne por um açougueiro, a composição de um buquê; a lavagem da feira. Mas também filmei a banalidade do andar pela feira, meu mero andar pela feira; fiz isto com a permissão de cada um deles que se deixaram registrar.

Não usei caderneta, caderno ou papel e caneta para fazer alguma anotação, pois me sentia mas livre para dar minha atenção ao meu interlocutor, para comprar mercadorias, para cumprimentar e tocar em alguém, para carregar minha sacola de feira; com minhas mãos livres me sentia mais a vontade para estabelecer uma relação contínua com minha atenção toda voltada a meu interlocutor e ao meu entorno. Efetivamente eu acreditava que qualquer parada para tomar nota acabaria interferindo na construção de minha relação com aquele a quem eu queria uma aproximação.

Outro procedimento importante que utilizei foi, logo na saída do campo, transcrever aquilo que eu tinha vivenciado. Desta maneira, não somente anotava por escrito aquilo que o gravador tinha registrado, mas registrava, principalmente, as minhas impressões, aquilo que, costumeiramente, era difícil colocar no papel; ou seja, tudo o que eu havia vivido naquelas últimas horas na feira estava mais vivo em mim; as impressões, as sensações, os odores, as imagens, os sentidos estavam ali mais vivos em mim, tudo ainda estava mais intenso em meu corpo e em minha mente, tentar registrar e expressar aquela vivência seria importante para uma compreensão e interpretação dos fenômenos vivenciados.

Procurei colocar em evidência meu objeto de estudo, as sensações, os sentidos e o gosto que encontrei na feira ao lá chegar; procurei evidenciar através de minha etnografia (GEERTZ, 1989; PEIRANO 1995; 2006) aqueles elementos e conteúdos que conformam a feira enquanto tal, as pessoas e as coisas materiais e imateriais na sua concretude, as sensibilidades de todas as ordens; aquilo que, acredito, seria a carne do mundo (Merleau-Ponty, 1945; 1985) que dá corpo e vida à feira.

### 3 FAZENDO A FEIRA

Em um sábado qualquer, ordinário, comum, adentramos na feira do Guamá. Entramos num reino de colorido intenso e diversificado. Folhagens verdes de todos os matizes, nos cercam; frutos de todas as cores se impõem, enquanto seus aromas nos tomam os sentidos. Entramos ali pelo corredor que, envolto em frutas e legumes, fazem com que eu me sinta mais protegida, ou menos exposta, nessa tarefa de fazer etnografia, que não aprendi na graduação e para a qual o doutorado me lança, me empurra, inclemente das inexperiências e ansioso das experiências. Nesse reino colorido e perfumado somos cercados, também, por vozes. Por muitas vozes, pequenas expressões animadas, gentis; outras, jocosas (RADCLIFFE-BROWN, 1952) e engraçadas; todas elas expressões verbais corriqueiras e entrecortadas.

*Alô freguesa, o que tem pra hoje?!*

*Bom dia freguês!*

*O deseja amada?*

*Posso ajuda, querida?*

*E aí papai?*

*O que que o neném manda agora?*

*Comendo aí, né papai?!*

*O que é meu amor?*

*Hei, meu patrão!*

*Leva dois aí, bebê.*

Os sons se sobrepõem. Acima dessas vozes, um tumultuado horizonte de ruídos. É intenso o barulho de carros, motos, buzinas, sirenes, ônibus e caminhões, mas também de muitas vozes, de muito falatório (CASTRO; CASTRO, 2022).

Sigo caminhando, imersa em tantas informações, em tantos sons e ruídos, prosseguindo minha etnografia que se pretende sensível, sensorial (PINK, 2009, 2010; CASTRO, 2021a), atentando para o fato de que, no Poupilho, o Fox Sabadão promove a Quinta Top dos DJs. Perdida ainda, sem entender se, num sábado a vir, a Quinta Top

ocorrerá, ou se seria o contrário: seria numa quinta-feira, igualmente a vir, que o Fox Sabadão fará a sua festa. Tanto faz, penso: será num dia qualquer... como naquele sábado em que estava – era um sábado – ou como no sábado, a vir, também ele, no qual o seu Mariozinho, prometia me esperar:

“Oh meu amor, vou te esperar no sábado”.

Essa sobreposição de ruídos é característica das feiras, e também estava presente na minha percepção, na minha exaustão após ter feito a feira, e no meu preparo para a escuta da gravação. Mas não apenas a sobreposição de sons, sentidos e impressões, mas estavam também presentes, a sobreposição de odores, sabores, elementos táteis, visualidades e visibilidades, raciocínios e contas, tudo junto e intenso em meu corpo e minha mente. Como observei anteriormente, minha prática costumeira em campo era utilizar um pequeno gravador digital, sempre ligado. Porém, ouvir qualquer gravação, posteriormente, é sempre difícil, em função do acúmulo e da sobreposição de ruídos. Refiro-me a isso quando quero falar em gosto, sensorialidade, sensibilidade.

Percebo, também, que essa sensorialidade que possuímos, tem uma dimensão sinestésica, no sentido de que as sensações não se conformam “em grupo”, segundo os sentidos, mas sim “de uma só vez”, de maneira integral. Diz Le Breton (2016) que as sensações sinestésicas andam em par com o ambiente em que a pessoa está. Pallasmaa (2010) segue nessa mesma direção quando observa o que ocorre quando “mergulhamos” numa paisagem: “a percepção periférica inconsciente transforma as formas retinianas em experiências espaciais e corporais. A visão periférica nos integra no espaço, enquanto a visão direcionada nos empurra... » 2 (PALLASMAA, 2010) para frente, mas é a visão periférica que nos integra no ambiente. Imagens, sons, odores e tato corroboram para nosso envolvimento nesse tumultuado reino de cores e ruídos. Se não nos concentramos no que ali vamos fazer, somos levados pelo atordoamento frenético do ambiente.

Percebo que as experiências sensoriais a que estamos submetidos quando mergulhamos na paisagem de um lugar, em um ambiente, no caso, de uma feira, não constituem, por assim dizer, um mero acaso. Não são experiências ocasionais, ou ocorrências, meramente, elas estão disponíveis às pessoas ali presentes na sua vida cotidiana e são parte integrante das estratégias que essas pessoas utilizam na sua pragmática, no uso que fazem do mundo. Quero dizer que essas experiências sensoriais parecem estar presentes nas elaborações de mundo das pessoas.

Desta maneira, penso ser apropriado a ideia de intersubjetividade (SCHUTZ, 2012) para descrever a experiência etnográfica – e descrever, para si mesma, senão para os outros, o que é a experiência etnográfica, constitui uma tarefa imperiosa, para quem percorreu muitos caminhos antes de chegar à antropologia. Intersubjetividade, termo

que nos vem da fenomenologia, consiste naquilo que pode ser compreendido como uma experiência sensível (CASTRO, 2021a, 2021c) comum, ou seja, partilhada. É o ponto de união sensitiva e cognitiva entre os indivíduos; aquilo permite que os dois indivíduos sintam algo de maneira semelhante em relação a alguma coisa que está no mundo. A ideia de intersubjetividade me permitiu chegar perto das pessoas que compunham aquilo que, na pesquisa de campo era, para mim, alteridade, de uma maneira, digamos, cognitiva. Porque para uma pesquisadora é necessário a cognição. Dizendo de outra maneira, esse conceito me permitiu que eu pudesse compreender o fazer da etnografia como uma experiência sensível (CASTRO, 2021a, 2021c).

Não obstante, logo também percebi que não se trata apenas de compreender outra compreensão, porque no exercício desse ato, também acabamos, em primeiro lugar, por interpretar e, em o fazendo, em segundo lugar, por provocar novas compreensões e interpretações nesse « outro ». A compreensão não é, de forma alguma, uma tarefa estática; é sempre o meio de um caminho – ou melhor, o meio percurso do círculo hermenêutico (GADAMER, 2006; RICOEUR, 1973), sempre em processo de se produzir e de se completar.

Compreendemos que quando fazemos nossa etnografia estamos fazendo aquilo que Pink (2012) chama de etnografia sensorial, que também equivale àquela etnografia que, ao produzir conhecimento (PEIRANO, 1995; MAGNANI, 2009), se utiliza dos sentidos para apreender e aprender e, assim, interpretar.

O verdadeiro objeto-sujeito da antropologia, isto é, antes de tudo a etnografia, sempre foram as emoções. A experiência de campo é uma experiência de compartilhar o sensível. Nós observamos, nós ouvimos, nós falamos com os outros, compartilhamos sua própria culinária, nós tentamos sentir com eles o que eles sentem.<sup>4</sup> (LAPLANTINE, 2017: 11).

Da mesma maneira partilhamos do pensamento de Howes e Marcoux (2006) no que diz respeito ao sensível, autores que a partir de uma leitura de Laplantine, “Le social et le sensible: introduction à une anthropologie modale”, observam que o termo sensível

[...] é usado para designar a vida das sensações: as relações que mantemos com as três famílias de sons (a voz, os ruídos e a música que é do som organizado), com os cheiros, os gostos, as percepções visuais e táteis. É este último sentido que nós retemos.<sup>5</sup> (HOWES, MARCOUX, 2006: 7).

<sup>4</sup> Como no original : « Le véritable objet-sujet de l'anthropologie, c'est-à-dire d'abord de l'ethnographie, a toujours été les émotions. L'expérience du terrain est une expérience du partage du sensible. Nous observons, nous écoutons, nous parlons avec les autres, nous partageons leur propre cuisine, nous essayons de ressentir avec eux ce qu'ils éprouvent » (LAPLANTINE, 2007: 11). Trad. Livre da pesquisadora.

<sup>5</sup> Como no original: «[...] est utilisé pour désigner la vie des sensations: les relations que nous entretenons avec les trois familles de sons (la voix, les bruits et la musique qui est du son organisé), avec les odeurs, les goûts, les perceptions visuelles et tactiles. C'est ce dernier sens que nous retenons.» (HOWES, MARCOUX, 2006: 7) Trad. Livre da pesquisadora.

Observamos a partir do que já foi colocado, que fazer uma etnografia, se deixando pautar pela experiência sensorial, pela vivência, e, tão importante quanto, tendo a consciência (PINK, 2012) de que não podemos escapar dela, pois quando fazemos etnografia a fazemos com todo o nosso corpo, é imperativo que o descrever, o fazer etnográfico, evidencie a experiência do pesquisador. Assim pensamos que a experiência social sensível e partilhada, essa intersubjetividade (SCHUTZ, 2012) que também pode ser chamada de sensibilidade, contribui para a conformação de formas sociais (SIMMEL, 2006).

Quando falamos em sensibilidade, buscamos referir não a experiência particular de um indivíduo, tampouco o estado de atenção que alguém tem em relação a alguma coisa, no sentido de ser sensível a isso, ou àquilo. Referimo-nos a uma experiência social de partilha de referenciais de gosto, de sentir-juntocom-outros, de partilhar de um mesmo conjunto de vivências sensíveis. Trata-se, como acima colocamos, de uma experiência intersubjetiva, no sentido que o referencial fenomenológico, particularmente Schutz (2012) e Ricoeur (1973), dão a esse termo; ou seja, como substrato da vida cotidiana.

Em primeiro lugar, quero dizer que procuramos nos deixar pautar por uma experiência com inspiração sensorial, procurando dialogar com a etnografia sensorial (PINK, 2009, 2010) dialogando com antropologia dos sentidos (HOWES, 2010) para construir uma percepção etnográfica da feira do Guamá e, mais ainda, permitindo a construção de novas visões de mundo a partir de uma abordagem etnográfica vivida e partilhada compreendida como uma coprodução de conhecimento, e, para alcançá-la, procuramos apoio numa antropologia dos sentidos e em uma etnografia sensorial (PINK, 2009, 2010) e numa abordagem fenomenológico-arqueológica.

As duas perspectivas, a partir de nossa interpretação, são coincidentes. Quando falamos em abordagem arqueológica-fenomenológica nos referimos à nossa disposição de procurar evidenciar as camadas de sentidos presentes na vida cotidiana da feira. Essa disposição, pensamos, está presente tanto na arqueologia, de maneira denotativa, como na fenomenologia, de maneira conotativa. Tematizamos, assim, a fenomenologia e suas camadas de sentidos e a arqueologia e suas camadas empíricas. Ambas fazem escavações, e nesse sentido fazemos a analogia colocada.

Assim procuramos escavar, desconstruir e desvelar, o quanto possível os substratos dessas camadas que conformam o gosto presente na feira. Deste modo, talvez consigamos interpretar os sintomas daquilo que se concretiza na feira, aquilo que se dá a ver, e que se materializa e se concretiza. Procuramos observar como as camadas e os vestígios encontrados, através de nossas percepções sensoriais, conformam uma escritura que nos delineia uma forma de estar junto, uma forma social evidenciada através dos sentidos, das sensações e percepções, ou ainda, das práticas que evocam um gosto.



## 4 A ESCAVAÇÃO DE SENTIDOS

Essa disposição que evidenciamos acima é próxima à ideia de uma etnografia sensorial (PINK, 2009, 2010), ideia essa que se tornou fundamental para esta pesquisa. A ideia de uma etnografia sensorial surge no contexto do debate sobre reflexividade no campo, especificamente sobre a natureza reflexiva da etnografia. Essa ideia está presente em Rabinow (2012), no momento em que ele discute o sentido da ideia de “interpretação”, com suas nuances e transparências. Também em Favret-Saada (2012), quando discute a “não neutralidade” da antropologia e em Csordas (2012), nas suas reflexões sobre os temas da empatia e da intuição, bem como sobre a “transmutação das sensibilidades”. Ainda está presente em Crapanzano (2012), por meio do seu debate sobre o “encontro” com a alteridade e sobre as “doze generalizações” da antropologia; em James Clifford (1983), na sua discussão sobre o caminho que o antropólogo faz entre a experiência e a interpretação.

Todos esses autores, em alguma medida, discutem a respeito da dinâmica intersubjetiva presente no campo etnográfico, observando que ela produz alguns fenômenos centrais na natureza da reflexão antropológica, fenômenos como empatia, intuição, emoções, encontro e polifonia. Sugerem todos eles, também em alguma medida, que é necessário prestar mais atenção para os efeitos da sensorialidade e da percepção no processo etnográfico.

Efetivamente trata-se, na verdade, da chegada à reflexão antropológica, de um debate já importante no pensamento de Simmel (2006), Weber (2009) e na fenomenologia. Em relação a esta última, um debate presente na sua geral disposição interpretativa, mas, particularmente, na fenomenologia “sensível” de Merleau-Ponty.

A questão da sensibilidade é fundamental na obra de Merleau-Ponty. Ela se coloca no fundamento mesmo da sua reflexão, a partir da sua proposição geral de construir uma nova ontologia (*nouvelle ontologie*); ou melhor, uma nova possibilidade de alcançar e abordar o mundo da vida (*Lebenswelt*) – conceito que, em fenomenologia, significa o mundo não metafísico: o mundo propriamente dito, no qual a vida humana ocorre. Merleau-Ponty pretende explorar o que seria o mundo humano – ou melhor, como o mundo é tomado pelos indivíduos – antes de toda operação reflexiva, a qual lança o homem em 12 direção à metafísica. Efetivamente, assim, ele pretende explorar como o mundo é sentido.

Nas palavras de Silva (2012), Merleau-Ponty pretende “desbravar uma experiência selvagem do sensível, do mundo em estado bruto e arcaico antes da reflexão” (SILVA, 2012: 1). E esse percurso em direção a uma nova ontologia seria estruturalmente sensível, posto que perpassado por um investimento ontologicamente corporal e intercorporal.

Merleau-Ponty explora o logos do mundo sensível, que equivale a uma pragmática do mundo: o mundo conhecido através da sensorialidade do corpo. Porém, superando a perspectiva psicológica clássica, que pensa nos sentidos como mediadores entre a consciência e o mundo natural, Merleau-Ponty procura perceber o encontro do indivíduo com esse mundo natural como um movimento de transcendência marcado pelo encontro, pelo contato. Por meio do seu corpo, o homem experimenta o mundo. Mas o faz de forma paradoxal, porque esse experimentar o mundo se dá como um duplo movimento: não apenas o de encontrar e sentir o mundo por meio dos sentidos, mas, também, de projetar esse encontro por meio de figurações intencionais. Esse paradoxo decorre do fato de que o corpo que encontra o mundo, por meio dos sentidos, tem uma atitude reflexiva diante do próprio fato de encontrar o mundo:

O enigma é que meu corpo é, simultaneamente, vidente e visível. Ele que olha todas as coisas, também pode se olhar e reconhecer naquilo que vê o “outro lado” de sua potência vidente. Ele se vê vendo, toca se tocando, é visível e sensível para si mesmo. Ele é um si não por transparência como o pensamento que só pode pensar assimilando o pensado, constituindo-o, transformando-o em pensamento. Mas é um si por confusão, narcisismo, inerência daquele que vê naquilo que vê, daquele que toca naquilo que toca, do senciente ao sentido (MERLEAU-PONTY, 1985: 18-19).

Como se sabe, a base da fenomenologia é a compreensão de que todo encontro com o mundo da vida – com o mundo da existência cotidiana – é um ato intencional. Intencionalidade seria o fundamento de todo fenômeno. Isso quer dizer que quando encontramos, sentimos algo do mundo, o fazemos com uma mente já carregada de expectativas, que faz com que cada coisa encontrada no mundo não seja algo “puro” de significações, mas sim como um prolongamento de si mesmo. Como diz Merleau-Ponty, “para o ser que está no mundo as coisas, constituem um anexo ou um prolongamento dele mesmo, estão incrustadas em sua carne, fazendo parte de sua definição plena, já que o mundo é feito do mesmo forro que o corpo” (MERLEAU-PONTY, 1985: 18-19).

A extensão entre corpo e mundo constitui a intencionalidade do ato de sentir o mundo. Essa ideia se traduz plenamente na famosa frase de Merleau-Ponty: “a carne do corpo nos faz compreender a carne do mundo” (MERLEAU-PONTY, 1945: 280), bem como na sua – menos famosa – frase escrita alguns anos mais tarde, que reproduz o sentido inverso: “carne do mundo, que se pode, enfim, compreender o corpo próprio” (MERLEAU-PONTY, 1964: 304). Trata-se da “síntese de transição” de que fala o filósofo (MERLEAU-PONTY, 1964), por meio da qual, a partir do contato sensorial de seu corpo com o mundo, “o ‘sujeito que toca’ passa ao nível do tocado” (MERLEAU-PONTY, 1964: 176).

O mundo da vida, o *Lebenswelt* – ou, ainda, o mundo da facticidade do estar no mundo – se conforma por intersensorialidade, ou por coesão estética, cabendo especificar

que, para Merleau-Ponty, estética, ou aisthesis, significa essa intersensorialidade presente na relação intencional de estar e usar o mundo, inclusive por meio da produção de analogias em relação à sensorialidade das pessoas ao nosso redor: a aisthesis é, também, um sentir-com-outros, um estar no mundo comum.

Assim, a importância é colocada em uma atitude que possibilite a construção de uma pesquisa pactuada entre o pesquisador e o pesquisado, possibilidade que o método dialogal ou a polifonia - inerente ao processo cultural de qualquer sociedade - tome forma na pesquisa, “que a forma emerja por sí mesma impregnando el trabajo del etnógrafo y también la manera de narrar del nativo com el que dialoga el investigador.” (TYLER 1991: 190).

Podemos compreender essa prática, ou melhor, essa postura, como uma cultura de pensar, como uma maneira de refletir sobre o objeto estudado - a partir dos locais/referências aos quais o observador/pesquisador se encontra, que “indaga o lugar do pensamento no seu momento histórico” (WAIZBORT, 2000: 44) - o lugar ideológico, político, cultural, dentre outros tantos possíveis a serem mapeados, do pesquisador e do objeto. Portanto, uma cultura de pensar que não leva em consideração somente o objeto da pesquisa, mas, tão importante quanto o objeto pesquisado é o pesquisador e o processo estabelecido entre ambos. Uma cultura de pensar que não procura a verdade absoluta dos seres e das coisas, mas busca, na interação, a compreensão da vida, a compreensão do sentido das coisas, das relações, àquilo que dá coesão e unicidade às interações, sejam essas coisas, esses sentidos, os mais díspares ou distantes para, assim, compreender as relações sociais.

Por outro lado, em outro sentido, mais difícil ainda a articular, todas elas participam do lugar onde se encontram e da época onde elas florescem. E isso é tão verdadeiro do bazar marroquino como de qualquer outro. Como instituição social e, mais ainda, como um tipo econômico, ele compartilha semelhanças cruciais com o chinês, o haitiano, o indonésio, o iorubás, o indiano, o guatemalteco, o mexicano ou o egípcio – para nos atermos aos casos melhor descritos. Mas como expressão cultural, ele tem um caráter que lhe é próprio.<sup>6</sup> (GEERTZ, 2003: 79-80)

Desta maneira também compreendemos a feira do Guamá, com semelhanças à outras feiras e/ou mercado (ou ainda souks ou bazares); semelhanças essas que podemos perceber ao encontrarmos uma. Como exemplo dessas similitudes observamos o encontro da oferta e da demanda de maneira utilitária (GEERTZ, 2003), o corpo-a-corpo

<sup>6</sup> Como no original: « Par ailleurs, en un autre sens, plus difficile encore à articuler, elles participent toutes du lieu où elles se trouvent et de l'époque où elles déploient. Et cela est aussi vrai du bazar marocain que de n'importe quel autre. Comme institution sociale, et, plus encore, comme type économique, il partage des ressemblances cruciales avec le chinois, l'haïtien, l'indonésien, le yoruba, l'indien, le guatémaltèque, le mexicain ou l'égyptien – pour s'en tenir à quelques-uns des cas les mieux décrits. Mais comme expression culturelle, il a un caractère qui lui est propre. » (GEERTZ, 2003: 79-80) Tradução livre da pesquisadora.

para a realização dessa relação; mas com particularidades culturais entre si, ou seja, aquelas formas sociais construídas em seu seio que transformam um mero consumidor em indivíduos com conexões pessoais e culturais específicas àquela forma.

Observando e interpretando as relações que se tocam, que se encontram, estabelecidas em pontilhos, como em uma pintura impressionista, onde cada ponto, cada universo pontual corrobora para a construção de uma forma, o quadro (MAFFESOLI, 2005), ocorrendo de formas múltiplas e concomitantes podemos compreender as valorações estéticas ali encontradas. Essas relações ocorrem nos momentos das trocas, sobretudo das trocas simbólicas privilegiadas pelo estar-junto - do riso, da fala, das posturas corporais, das expressões, dentre outras tantas possíveis a serem abordadas - e, acredito, mais intensas do que as relações econômicas estabelecidas ocorridas, num a priori, no local.

Pensar o processo seria pensar a relação de todos os elementos que compõem a feira, que a envolvem, que a tocam de alguma maneira, mesmo o mais ínfimo detalhe, mesmo o mais ínfimo dos elementos, pois, como observa Waizbord (2000) a propósito desse pensamento em Simmel, “A “forma” do procedimento vale tanto ou mais do que o “conteúdo” a que se chega” (WAIZBORT 2000: 21). Ou seja, a forma do procedimento determina o resultado obtido, porque ele, o procedimento, em si já é um conteúdo, já é um resultado. Somente com uma descrição exaustiva, uma a abordagem formista - que pode ser comparada às abordagens mais contemporâneas e mais conhecidas de Paul Ricoeur (1973) e Geertz (1989) -, dos elementos pertinentes ao objeto estudado, é que poderemos nos aproximar do objeto em toda a sua complexidade.

Esta maneira de pensar o objeto, e de tratá-lo, entendemos que também está presente nas preocupações e reflexões sobre o texto etnográfico, colocadas no Seminário de Santa Fé (1984), através dos trabalhos de Clifford, em especial no artigo “Introducción: Verdades parciales” e no “Sobre la alegoria etnográfica” (CLIFFORD, 1991: 25-60 e 151-182), assim também nos textos de Rosaldo (1991), sobre o trabalho de Evans Pritchard a respeito dos Nuer; e de Le Roy Ladurie (1975) sobre Montaigne e, ainda, nas de Mary Pratt (1991) e de Tyler quando estes fazem um paralelo entre evocação e etnografia como o “discurso del monde postmoderno para el monde que hace ciencia, y esa ciencia ya hecha desaparece por el influjo de lo postmoderno quedando el pensamiento científico como una forma arcaizante...” (TYLER, 1991: 184). A construção de um pensamento que se expressa textualmente e que surge não a partir de um monólogo, mas de uma expressão dialogal e polifônica, advinda de uma nova postura etnográfica, oriunda de um novo pacto estabelecido entre o intérprete/pesquisador e o pesquisado ou interlocutor,

para superar, assim, as “representaciones meramente funcionales de los símbolos para substituir lo aparente, lo ausente, lo “diferente”, conceptos, tales, propios a la gramatología textualizadora.” (TYLER, 1991: 193) e tentarmos evidenciar o traço (DERRIDA, 1994) aquilo que, talvez, contemple, não a totalidade, mas multiplicidade de sentidos.

A trilha etnográfica é sempre um labirinto, não obstante o necessário horizonte de uma paisagem a apresentar – no caso das etnografias feitas para conformarem teses, dissertações, relatórios e prestações de contas de bolsas e projetos e outras paisagens afins. Recorro a Ingold, mais uma vez, para falar dessas paisagens:

...essas múltiplas ‘paisagens’ não se referem ao mundo prática e produtivamente habitado. Elas se referem aos mundos virtuais criados pela captura das experiências incorporadas e perceptuais da habitação e pela sua devolução, em formas artificialmente purificadas, para interpretação e consumo (INGOLD, 2008: 2).

Ingold está falando aqui, como podemos perceber, da adequação da pesquisa à metodologia. O excerto é de um texto de 2008, mas num outro texto, publicado em 2015, ele é mais específico em relação a essa questão:

Ao ser empregada, a noção de metodologia transforma meios em fins, divorciando o conhecimento-enquanto-conteúdo dos modos através dos quais se conhece, e assim impondo um fechamento que é a própria antítese da abertura para o presente que a pedagogia pobre oferece. Se uma metodologia rica nos oferece conhecimento pronto, a pedagogia pobre abre nossas mentes para a sabedoria da experiência. Uma pertence à instituição da escola, e a outra, ao tempo da scholè; uma ao dédalo, a outra, ao labirinto (INGOLD, 2015: 34).

Como todas as teses doutorais, esta também vaga entre o dédalo e o labirinto, mas ressaltamos nossa sempre presente disposição de, como disse Masschelein (2010), estar “presente no presente”. Comentando esse termo, Ingold observa que

O preço dessa presença é a vulnerabilidade, mas a recompensa é uma compreensão, fundada na experiência imediata, daquilo que está além do conhecimento. É um entendimento a caminho da verdade. É como diz Greig do poeta: conhecendo pouco sobre o mundo, ele vê as coisas elas mesmas (INGOLD, 2015: 34).

Aliás, a própria ação de estar no mundo iminentemente, ou seja, na vida cotidiana na qual é possível a imersão no mundo comum dos outros indivíduos, equivale a, repentinamente, se lançar num labirinto. Como mais uma vez diz Ingold, a atenção de uma pessoa quando anda, quando está no mundo e tem uma postura imanente, equivale a de acompanhar “um mundo que não está pronto, que é sempre incipiente, que se encontra no limiar da emergência contínua” (INGOLD, 2015: 29).

Essa “emergência contínua” lembra o que, para mim, foi a experiência etnográfica de conviver com a feira durante os três anos em que a realizei. Na etnografia sempre



estamos à mercê do que acontece: “À medida que o caminho acena, o andarilho se submete, e fica à mercê daquilo que acontece. Caminhar, diz Masschelein (2010<sup>a</sup>: 46), é ser comandado por aquilo que ainda não está dado, mas está a caminho de sê-lo.” (INGOLD, 2015: 29).

Espero ter estado presente no presente.

Embora isso, evidentemente, nem sempre tenha sido fácil... Mesmo porque a feira é, por sua própria natureza, um lugar difícil. Apesar da abundância de produtos e da sua exuberância sensorial, a feira também é um lugar de miséria: de gente com fome, de gente sem emprego, animais abandonados, de sujeira acumulada e de odores, também, desagradáveis. Não estávamos ali para fazer uma etnografia daquilo que foi, como observou Laplantine

classificado(s), filtrado(s), purificado(s) para que subsista apenas do limpo, do correto e do explícito. [Pois] Somente são dignas de interesse as notas perfeitamente identificadas (em detrimento dos “ruidos”), as faces fotogênicas, as cores brilhantes, como o vermelho flamboyant ou o azul marinho, em detrimento da continuidade de cores mais “indecisas” que oscilam entre o vermelho e azul, como o lilás [lilases nas suas variações].<sup>7</sup> (LAPLANTINE, 2017: 75)

Assim insistimos em evidenciar aquilo que incomoda, que toca, que nos incomoda e toca, mas que está diante de nós.

Por outro lado, acreditamos que o fazer etnográfico que o pesquisador desenvolve ao longo de sua pesquisa procura, ou deve procurar, encontrar uma consciência do seu estar no mundo pautado pelo estar no mundo do outro. Assim, compreendemos que toda etnografia trata, sobretudo, daquele que a faz, daquele que a desenvolve, que a constrói, de seus valores, de sua compreensão de mundo, de suas verdades. E é em uma tentativa de alteridade que nós voltamos para o outro, para as formas do outro se colocar no mundo. Assim, entendemos juntamente com Peirano (1995)<sup>7</sup> e Magnani (2009), que a etnografia é uma interpretação, mais uma interpretação do outro, dentre tantas outras possíveis, como a arte também o é (CASTRO, 2011, 2017), por exemplo.

...a etnografia é uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para atestar a lógica de sua visão de mundo, mas para, seguindo-os até onde seja possível, numa verdadeira relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente (MAGNANI 2009: 135).

<sup>7</sup> Como no original: “triées, filtrées, épurées pour que ne subsiste que du propre, du correct et de l'explicite. Seuls sont dignes d'intérêt les notes parfaitement identifiées (au détriment des 'bruits'), les visages photogéniques, les couleurs franches comme le rouge flamboyant ou le bleu marine, au détriment de la continuité de couleurs plus « indécisées » oscillant entre le rouge et le bleu, comme le mauve et le grenat. » (LAPLANTINE, 2017: 75) Tradução livre da autora.

Não quero, e não posso ignorar minha experiência, ou melhor, minha vivência; aquela responsável por minhas escolhas, de vida e na academia. Desta forma, minha percepção do meu campo, dos elementos que o compõem, dos fatos e das coisas a serem observadas, percebidas, compreendidas e interpretadas, será afetada por mim. Mas, até que ponto fui afetada pelo meu campo? Muitas vezes, quase sempre. Quando mergulhava involuntariamente no inautêntico (CASTRO e CASTRO, 2017) da cotidianidade da feira, quando comprava, quando negociava, quando conversava. Inúmeras foram as vezes em que sofri o estranhamento, outras me sentia vazia, outras ainda espantada - mas sempre envolvida, tomada por aquele ambiente, pelos fatos e pelas informações que ali ocorriam aparentemente banal e ordinariamente - diante de uma nova informação, fosse visual, fosse auditiva, fosse de qualquer ordem cognitiva, sensitiva ou outra.

O que se passa no campo quando somos afetados

...é literalmente inimaginável, sobretudo para um etnógrafo, habituado a trabalhar com representações: quando se está em tal lugar, é-se bombardeado por intensidades específicas (chamemo-las de afetos), que geralmente não são significáveis.” (FRAVET-SAADA, 2005: 159).

Ser afetada é uma situação a qual demoramos certo tempo para nos darmos conta ou, por assim dizer, respondermos, compreendermos, ou melhor, nos percebermos.

Importante observar que partilhamos do entendimento de Favret-Saada de que “ser afetado não tem a ver com uma operação de conhecimento por empatia...” (2005: 158), seja essa empatia tomada como um partilhar dos mesmos ideais e sentimentos e das mesmas percepções de mundo, seja empatia enquanto uma comunhão de afetos. Mas ser afeto significa a capacidade, que se estabeleceu na interação no campo – e tudo que ele traz com ele – de “mobiliza(r) ou modifica(r) meu próprio estoque de imagens, sem, contudo, instruir-me sobre aquele dos meus parceiros.” (FAVRET-SAADA, 2005: 159). Ser afetada é cair no mundo da vida, é ser inautêntico (CASTRO 2015; 2017) é ser completamente envolvida pelas circunstâncias do campo, é quando “não podemos narrar a experiência; no momento que narramos não podemos 19 compreendê-la” (FAVRET-SAADA, 2005: 160), precisamos de tempo para podermos assimilá-la e, quiçá, interpretá-la, pois nela e dentro dela estávamos perdidos. E nesse lá estar, submersos, criamos dispositivos que engendram a reciprocidade! O que não implica em identificar-se com o nativo, mas implica sim, em trocarmos impressões e expressões, e isso é ser recíproco.

## REFERÊNCIAS

CASTRO, Fábio F. 2015. Intencionalidade, experiência banal e comunicação: esboço de prospecção fenomenológica do cotidiano. **LOGOS**, Dossiê Cotidiano e Experiência, 22 (2): pp. 58-70.

Castro, Marina Ramos Neves. de. 2021a. A antropologia dos sentidos e a etnografia sensorial: dissonâncias, assonâncias e ressonâncias. **Revista De Antropologia**, 64(2), e186657.

- \_\_\_\_\_. 2021b Etnografia sensorial e experiência sensível: experienciando a carne do mundo. **Amazônica - Revista de Antropologia**, [S.l.], v. 13, n. 1, p. 289 - 310, nov. ISSN 2176-0675.
- \_\_\_\_\_. 2021c. O vestido vermelho: consumo, cultura material e comunicação intersensorial na feira do Guamá, Belém-Pará. **Novos Cadernos NAEA**. v. 24, n. 2, p. 125-141, maio-ago 2021.
- \_\_\_\_\_. Aportes Teóricos Para Pensar a Feira Enquanto Forma Social. **Revista Sociais e Humanas**, [S.l.], v. 30, n. 2, out. 2017. ISSN 2317-1758.
- CASTRO, M. e CASTRO, F. 2022. Comunicação banal e cotidiano em um mercado de Belém. **E-Compós**, 25. <https://doi.org/10.30962/ec.2504>.
- \_\_\_\_\_. 2016. Mercado, forma, don: Asimetrías de la sociación en un mercado en Belém (Amazonia). **Cuadernos antropol. soc.** [online], n.44.
- \_\_\_\_\_. 2017. No emaranhado do Guamá: trajetos etnográficos numa feira de Belém, **Ponto Urbe** [Online], 20 | 2017, posto online no dia 30 Junho 2017.
- CLIFFORD, J. 1991. Introducción: Verdades parciales, in Clifford, J. e Marcus, G., in **Retóricas de la Antropología**. Madri, Ediciones Júcar, p. 25-60.
- \_\_\_\_\_. 1983. **On ethnographic authority**, *Representations*, 1983, (2): 118-146.
- CRAPANZANO, Vincet, 2012. At the heart of the discipline: Critical reflections on fieldwork. In: Antonius C.G.M. ROBBEN; Jeffrey A. SLUKA (eds.). **Ethnographic fieldwork. An anthropological reader**. Malden (Massachusetts): Blackwell, pp. 547-562.
- CSORDAS, Thomas. J. 2012. Intuition, revelation. In: Antonius C.G.M. ROBBEN; Jeffrey A. SLUKA (eds.) **Ethnographic fieldwork. An anthropological reader**. Malden (Massachusetts): Blackwell, pp. 540-546.
- DERRIDA, J. 1994. **A voz e o fenômeno**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. 2012. The way things are said. In: Antonius C.G.M. ROBBEN; Jeffrey A. SLUKA (eds.). **Ethnographic fieldwork. An anthropological reader**. Malden (Massachusetts): Blackwell, pp. 528-539.
- FAVRE-SAADE, J. 2005. Ser afetado, **Caderno de Campo**, n. 13, pp. 155-161.
- GADAMER, H-G. [1986] 2006. **Vérité et méthode**, 4ª ed. trad. por Pierre Fruchon, Jean Grondin e Gilbert Merlio, Paris, Le Seuil.
- GEERTZ, Clifford. 2003. **Le souk de Sefrou**. Sur l'économie du bazar. Saint-Denis: Ed. Bouchene.
- \_\_\_\_\_. 1989. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Ed. LTC.
- HOWES, D. & MARCOUX, J. 2006. Introduction à la culture sensible. **Anthropologie et Sociétés**, 30(3), 7-17.
- INGOLD, Tim. 2015. O dédalo e o labirinto. Caminhar, imaginar e educar a atenção. **Horizontes Antropológicos**, 21 (44): 21-36. 20.
- \_\_\_\_\_. 2008. Pare, Olhe, Escute! Visão, Audição e Movimento Humano. **Ponto Urbe** [Online], 3 | 2008.
- LE ROY LADURIE, Emmanuel. **Montaillou, village occitan de 1294 à 1324**. Paris: Gallimard, 1975.

- LAPLANTINE, François. 2017. **Le social et le sensible**. Introduction à une anthropologie modale. Paris: Téraèdre.
- LE BRETON, David. 2016a. **Antropologia dos sentidos**. Petrópolis, Vozes.
- \_\_\_\_\_. 2016b. **Antropologia do corpo**. Petrópolis, Vozes, 4ª ed.
- MAGNANI, José Guilherme. 2009. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, 15(32):129-156.
- MAFFESOLI, Michel. 1995. **La Transfiguration du politique**. Paris, La Table Ronde: 1992; Le Livre de Poche.
- MERLEAU-PONTY, M. 1945. **Phenomenologie de La perception**. Paris: Gallimard.
- \_\_\_\_\_. 1964. **Le visible et l'invisible**. Paris: Gallimard.
- \_\_\_\_\_. 1985. **L'oeil et l'esprit**. Paris: Gallimard.
- PRATT, Mary. 1991. Trabajo de campo en lugares comunes in Retóricas de la Antropología, in Clifford, J. e Marcus, G., in **Retóricas de la Antropología**. Madri, Ediciones Júcar, pp. 61-90.
- MASSCHELEIN, J. The idea of critical e-ducational research – e-ducating the gaze and inviting to go walking. In: GUR-ZE'EV, I. (Ed.). **The possibility/ impossibility of a new critical language of education**. Rotterdam: Sense Publishers, 2010. p. 275-291.
- PALLASMAA, Juhani. 2010. **Le regard des sens**. Paris: Éditions du Linteau.
- PEIRANO, Marisa. 2006. **A teoria vivida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- \_\_\_\_\_. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1995.
- PINK, Sarah. 2009 [2017]. **Doing Sensory Ethnography**. London: SAGE Publications Ltd.
- \_\_\_\_\_. 2010. What is Sensory Ethnography In **National Center for Research Methods** [https://www.ncrm.ac.uk/resources/video/RMF2010/pages/18\\_Sensory.php](https://www.ncrm.ac.uk/resources/video/RMF2010/pages/18_Sensory.php)
- ROSALDO, Renato. 1991. Desde la puerta de la tienda de campaña: El investigador de campo y el inquisidor. In Clifford, J. e Marcus, G. In **Retóricas de la Antropología**. Madri, Ediciones Júcar, p. 123 – 150.
- RICOEUR, P. 1999. **Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação**. Lisboa: Edições 70.
- SCHUTZ, Alfred. 2012. **Sobre fenomenologia e relações sociais**. Edição e organização de Helmut T.R. Wagner; trad. De Raquel Weiss. Petrópolis: Ed. Vozes.
- SILVA, C. A. F. 2012. **O retorno ao mundo da vida: Merleau-Ponty, leitor de Husserl**. Revista Filosófica de Coimbra. 41(1): 11-32.
- SIMMEL, G. 2006. **Questões fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar Ed.
- TYLER, S. 1991. Etnografia postmoderna: desde el documento de lo oculto al oculto documento. In Clifford, J. e Marcus, G. In **Retóricas de la Antropología**. Madri, Ediciones Júcar, p. 183-204.
- WAIZBORT, L. 2000. **As aventuras de Georg Simmel**. São Paulo: Edições 34.
- WEBER, M. 2009. **Economia e sociedade**. Brasília: Editora da UNB.

## SOBRE O ORGANIZADOR

**Luis Fernando González-Beltrán** - Doctorado en Psicología. Profesor Asociado de la Facultad de Estudios Superiores Iztacala (FESI) UNAM, Miembro de la Asociación Internacional de Análisis Conductual. (ABAI). de la Sociedad Mexicana de Análisis de la Conducta, del Sistema Mexicano de Investigación en Psicología, y de La Asociación Mexicana de Comportamiento y Salud. Consejero Propietario perteneciente al Consejo Interno de Posgrado para el programa de Psicología 1994-1999. Jefe de Sección Académica de la Carrera de Psicología. ENEPI, UNAM, de 9 de Marzo de 1999 a Febrero 2003. Secretario Académico de la Secretaría General de la Facultad de Psicología 2012. Con 40 años de Docencia en licenciatura en Psicología, en 4 diferentes Planes de estudios, con 18 asignaturas diferentes, y 10 asignaturas diferentes en el Posgrado, en la FESI y la Facultad de Psicología. Cursos en Especialidad en Psicología de la Salud y de Maestría en Psicología de la Salud en CENHIES Pachuca, Hidalgo. Con Tutorías en el Programa Alta Exigencia Académica, PRONABES, Sistema Institucional de Tutorías. Comité Tutorial en el Programa de Maestría en Psicología, Universidad Autónoma del Estado de Morelos. En investigación 28 Artículos en revistas especializadas, Coautor de un libro especializado, 12 Capítulos de Libro especializado, Dictaminador de libros y artículos especializados, evaluador de proyectos del CONACYT, con más de 100 Ponencias en Eventos Especializados Nacionales, y más de 20 en Eventos Internacionales, 13 Conferencia en Eventos Académicos, Organizador de 17 eventos y congresos, con Participación en elaboración de planes de estudio, Responsable de Proyectos de Investigación apoyados por DGAPA de la UNAM y por CONACYT. Evaluador de ponencias en el Congreso Internacional de Innovación Educativa del Tecnológico de Monterrey; Revisor de libros del Comité Editorial FESI, UNAM; del Comité editorial Facultad de Psicología, UNAM y del Cuerpo Editorial Artemis Editora. Revisor de las revistas "Itinerario de las miradas: Serie de divulgación de Avances de Investigación". FES Acatlán; "Lecturas de Economía", Universidad de Antioquía, Medellín, Colombia, Revista Latinoamericana de Ciencia Psicológica (PSIENCIA). Buenos Aires, Revista "Advances in Research"; Revista "Current Journal of Applied Science and Technology"; Revista "Asian Journal of Education and Social Studies"; y Revista "Journal of Pharmaceutical Research International".

<https://orcid.org/0000-0002-3492-1145>



## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Actos de habla expresivos 1, 5, 7, 14, 23, 24, 25, 26, 27  
Adaptive reuse 206  
Agricultura familiar 158, 159, 162, 169, 172, 173, 174, 177, 181, 182  
Álgebra 88, 89, 90, 91, 93, 94  
Aproximación epistemológica 145

### B

Background 1, 9, 15, 23, 48, 141, 206

### C

Case study 66, 206  
CHATGPT 118, 119, 127, 129, 130  
COIL 185, 186, 187, 188, 189, 190, 192, 194, 195, 196, 197, 200, 205  
Comics 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67  
Comportamiento del consumidor 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 156  
Comunicación y encuentros 68  
Conocimiento local 158, 177, 179  
Contenido pedagógico 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 115, 116, 117

### D

Desempeños 77, 81, 85  
Diagnosis 138, 139, 141, 144

### E

Educación 59, 66, 67, 68, 72, 76, 77, 78, 80, 81, 84, 85, 87, 89, 93, 94, 96, 97, 105, 107, 109, 113, 115, 116, 117, 155, 156, 163, 164, 166, 167, 169, 173, 174, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 188  
Educación superior 66, 67, 88, 94, 96, 97, 163, 166, 179, 180, 183, 184, 188  
Enacción 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 13, 15, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33  
Enaction 1  
Enfoque crítico 145, 153  
Enfoque cualitativo 62, 106, 107, 108  
Enfoque interpretativo 145, 147, 150, 152  
Enfoque naturalista 145, 147, 149, 150, 154

Enseñanza de Inglés 59

Escala de actividades desenvolvidas na internet (EADInt) 118

ESL Classrooms 39

Estratégia 95, 115, 131, 132, 133, 134, 135, 169, 192, 218, 224, 226, 241

Estrategias 59, 60, 63, 66, 88, 96, 108, 111, 114, 115, 117, 131, 133, 134, 135, 161, 170, 172, 175, 182, 190, 192, 197, 220, 223, 226, 236, 238, 241, 242, 245

Etnografia sensorial 240, 246, 247, 248, 254, 255

Expressive speech acts 1

## F

FCAV 185, 186, 187, 188, 205

FDCSV 185, 186, 187, 188, 205

Feira 240, 241, 242, 243, 244, 245, 247, 250, 251, 252, 253, 254, 255

## H

Harnessing heritage 206

Hélice Tríplice 218

Herramientas 59, 60, 61, 62, 63, 73, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 99, 113, 114, 115, 159, 172, 185, 186, 187, 191, 195, 197

## I

Inovação social 218, 219, 220, 224, 225, 226, 227, 232, 233, 234, 235, 239

Internet 60, 80, 83, 84, 85, 86, 105, 113, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130

## L

Liderança 131, 132, 133, 134, 137, 221

## M

Mapa Egos 131, 133, 135, 136

Matemáticas 66, 78, 80, 88, 90, 91, 93, 94

Meaning holism 1

Mediación pedagógica 68, 69

## N

Needs 138, 139, 140, 141, 144, 216

Neurofenomenología 1, 2, 4, 5, 15, 26, 29, 30, 31, 32, 33  
Neurophenomenology 1, 38

## O

Organization and competitions 138

## P

Performative 1

Performativo 1, 11, 17, 24

Pixton 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66

Place identity 206

Práticas curriculares 95, 103, 104

Process types 39, 41, 43, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 56, 58

Psicología del color 106, 108

## R

Região de Antofagasta 218, 222, 224, 225, 226, 232, 233

Re-pensar la educación 68

RS 186

## S

Santiago del Estero 158, 159, 169, 172, 180, 181, 182, 184

SCEMAI 131, 132, 133, 135

Sectores de la sociedad 95, 96, 103, 104

Sensibilidades 240, 241, 244, 248

Systemic Functional Linguistics 39, 40, 41, 46, 56, 58

## T

Técnicas de organización 95, 96, 99, 103, 104

Tecnologías digitales 77, 78, 79, 80, 81, 84, 85, 87

TICS 59, 60, 66, 89, 91, 113

Training 96, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144

Transferencia 158, 159, 162, 163, 164, 166, 169, 171, 172, 174, 177, 178, 179, 181, 218

Transitivity system 39, 41, 43, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58

Turismo de Interesse Especial 218, 226, 227, 232, 234

## U

UAT 185, 186, 187, 188, 189, 194, 195, 196, 197, 199, 205

Urban competitiveness 206

## V

Vinculación 70, 95, 103, 104, 105, 159, 161, 162, 163, 171, 174, 175, 178, 181, 236

## W

Web 68, 81, 82, 85, 88, 89, 91, 118, 119